

Embaixador Armando Martins Janeira – Um testemunho

Quem ingressa na carreira diplomática, cedo descobre, ao partir para o primeiro posto no estrangeiro, que tomou uma opção de vida onde, naturalmente a par do seu esforço, o acaso vai ter um peso singular na sua caminhada profissional: e isto, pela qualidade humana dos Chefes de que irá colher ensinamentos; pelo interesse dos países para onde partiu por uma vaga afinal se ter ali aberto; pela maior ou menor riqueza dos contactos que neles será fácil ou difícil estabelecer. Posso assim afirmar que fui bafejado pela fortuna pois, ao chegar à Embaixada em Tóquio, logo percebi que teria no Embaixador Armando Martins alguém que generosamente procurava interpretar as expectativas de um jovem secretário, inculcando-lhe o saber da sua experiência, a rectidão dos seus procedimentos e uma inquieta curiosidade sobre as gentes e as coisas do país em que nos encontrávamos. Por tudo isto me associo à celebração do seu centenário, descrendo no meu íntimo da aritmética crueza desta data, pois comigo está ainda a imagem do seu sorriso franco e rasgado, num rosto ainda sem as rugas do tempo.

Celebramos hoje a memória de um homem bom empenhado na dignidade humana, de um diplomata que deixou a marca inteligente da sua acção nos países por onde passou, do intelectual que nos soube legar nos livros que escreveu o seu pensamento lúcido sobre as tão diferentes realidades culturais do seu percurso pelo mundo.

Começo, num testemunho breve, pelo homem que conheci. Nas lonjuras japonesas em que vivemos esses anos, assumia-se como um transmuntano orgulhoso da matriz dura da sua terra, que dizia lhe afeiçoara o carácter determinado; ao recordar Portugal, vinha ao de cima o seu patriotismo, na acepção mais nobre que tal sentimento deve significar; ao mesmo tempo, nos dias cinzentos de uma pátria então bloqueada, nunca escondeu a sua fé democrática – nem um optimismo que, anos mais tarde, Abril concretizaria. Os que o conheceram, assinalarão ainda comigo, entre outros traços do seu carácter, um espírito intelectualmente arguto, tolerante e generoso; uma arte da conversa cheia de vivacidade, cultura e amável ironia; bem como o seu perfil de cidadão do mundo, sempre aberto aos outros – e à sua diferença.

Estudioso incansável da cultura japonesa, publicou em 1970, numa prestigiada editora de Tóquio, um brilhante e longo ensaio que constitui sem dúvida a sua obra maior, *Japanese and Western Literature*, livro então credor de elogiosas críticas internacionais, que bem mereceria a sua tradução em Portugal. Nessa busca do que aproximava e afastava a criação literária do Japão e do Ocidente, Armando Martins, que já juntara ao seu nome o de Janeira, partia da literatura clássica dos dois mundos para uma análise de temas diversos com o fim de, nas suas palavras, «descobrir as ideias fundamentais das duas civilizações no domínio da literatura», o que o leva a uma longa digressão, desde o famoso *Gengi Monogatari* até Proust, de Gil Vicente a Shakespeare, de Torga aos mestres da poesia *haiku*, do sentido trágico da vida à novela picaresca do século XVII japonês; enfim, à influência ocidental nos escritores contemporâneos nipónicos. A esta obra, outras acresceriam, antes e depois, designadamente as que dedicou a Wenceslau de Moraes, resgatando-o de um imerecido esquecimento.

Como embaixador em Tóquio – e de lá partiria para os cobiçados postos de Roma e Londres –, teve a inteligente percepção de defender a imagem de Portugal pela via da cultura e da brilhante memória histórica que os portugueses ali haviam deixado. Para isso, e sem meios a não ser os do seu esforço, fez de uma embaixada até aí adormecida um activo ponto de encontro cultural, em que se cruzavam grandes nomes da literatura japonesa com quem mantinha um convívio regular e afectuoso, como Yasushi Inoue, Shusaku Endo, Jiro Osaragi e o prémio Nobel Yasunari Kawabata.

A par disso, lançou uma incansável e bem-sucedida batalha para a tradução, publicação e divulgação da obra completa de Wenceslau de Moraes, através de inúmeros artigos na imprensa local e do apoio dos seus amigos escritores. E, aproveitando as curiosidades abertas pela Expo Universal de Osaka, em 1970, promoveu um plano de celebração do século português em terras japonesas, de que resultaram museus em Tokushima e Nagasaki, e a evocação da heróica teimosia portuguesa em pretender continuar o diálogo de civilizações a que o isolamento nipónico até à era de Meiji iria pôr termo.

Como suporte deste plano de divulgação criou a Sociedade Luso-Japonesa e, numa altura em que não se falava de diplomacia económica, chamou insistentemente a atenção de Lisboa para o elevado potencial de uma mais adequada relação comercial com Tóquio, multiplicando contactos e informações junto das sedes essenciais da vida económico-financeira de Tóquio, como o Keidanren. E, numa época difícil para o trabalho diplomático português, em virtude de uma política colonial que conduzia a vários cortes de relações e a frequentes boicotes por muitos dos países do grupo dos não-alinhados, o embaixador Armando Martins soube construir junto do Ministério dos Negócios Estrangeiros japonês e dos colegas das diferentes embaixadas uma imagem de seriedade e profissionalismo que afastou qualquer iniciativa política contrária quando, por direito próprio, assumiu o cargo de decano do importante e numeroso Corpo Diplomático local.

Seria demasiado longo falar do homem e do diplomata que hoje aqui lembramos. Valerá mais a pena escutá-lo: numa peça teatral que escreveu em 1967, editada pela então editora Ática, escreveu: «É assim que se é homem: pela razão firme; pelo sentimento mais humano e puro; pela áspera lucidez; pela força inabalável da vontade.» É este, afinal, o retrato inteiro do embaixador Armando Martins Janeira que guardo na minha memória.

Setembro 2014

José César Paulouro das Neves
Embaixador Jubilado